

Baixaria tomou conta da Câmara na quarta-feira, 02; só faltou xingar a mãe 03

contato

Vale do Paraíba | de 4 a 10 de abril de 2014
R\$ 1,00 | Ano 14 | Edição 636 | www.jornalcontato.com.br

Exclusivo

GRILAGEM MODERNA 04 E 05

Dona Ivonne de Moura Alves (com a foto do pai), 85 anos, vive com um salário mínimo por mês e é a única herdeira de pelo menos 38 alqueires no Parque Paduan; ao longo dos anos suas terras adquiridas no século 19 têm sido griladas até mesmo por conhecida empreiteira que tem usado métodos nada republicanos

AS ÁGUAS QUE NÃO CHEGAM (3) 06 E 07

Transposição das águas do rio Paraíba para região metropolitana de São Paulo tem sido proposta desde 1946





1 - Como evidenciou Lauro Lisboa - <http://migre.me/iBKSI> - sobre a grande **Ná Ozzetti**: "Sua música e sua poesia, enfim, são um conforto porque têm o que falta no miolo mole de tanta gente". E o já premiado Embalar, onde Ná assina parcerias com Luiz Tatit, Alice e Tulipa Ruiz - trouxe alento e encantamento aos privilegiados que ouviram o chamado no Sesc Taubaté na quinta, 27.

2 - Dispensando apresentações e carregando o mesmo DNA musical, no show Embalar **Dante Ozzetti** estraçalha nos violões, canta, divide a produção, arranjos, assina quatro canções e exhibe todo seu virtuosismo no Sesc Taubaté para uma plateia boquiaberta e maravilhada.

3 - O instrumentista, arranjador, compositor e musicólogo **Zé Alexandre Carvalho** dá um show particular no contrabaixo acústico e assina a produção junto com os outros integrantes da banda que acompanha Ná Ozzetti no disco Embalar, descrito pela artista como uma celebração.

4 - ♪ ♫ ♪ ♫ ♪ ♫ "... Ah! Se eu pudesse, no fim do caminho / Achar nosso

barquinho e levá-lo ao mar / Ah! Se eu pudesse tanta poesia / Ah! Se eu pudesse, sempre, aquele dia..." Este e todos os outros hinos da bossa nova foram lembrados por **Roberto Menescal** no Sesc São José dos Campos, para uma plateia saudosa e extasiada.

5 - Reverenciadas no mundo todo e por fãs de idade entre 10 e 100 anos, as melodias de **Marcos Valle** transitam entre velhos aficionados da bossa nova, DJs, amantes de jazz e músicos da cena eletrônica. No sábado, os sortudos que foram ao Sesc São José dos Campos puderam se emocionar e cantar com ele ao piano, Samba de Verão, Viola Enluarada, Os Grilos e outras canções que falam à alma.

6 - Um dos discos mais importantes da bossa nova, WANDA VAGAMENTE, produzido por Menescal, começou a ser gravado exatamente em 01/04/1964. A revolução estourou com eles no estúdio gravando e **Wanda Sá** cantando "♪ ♫ ♪ ♫ ♪ ♫ Só me lembro que depois andamos / Mil estrelas só nós dois contamos / E o vento soprou de manhã, mil canções..." Nas palavras de Menescal, WANDA é uma verdadeira revolução! Pois a revolução dividiu o palco, gloriosa, com Menescal e Marcos Valle no Sesc São José dos Campos. ●



Olavo Bilac
APART HOTEL

facebook.com/olavobilac
www.olavobilac.tur.br

EXPEDIENTE

DIRETOR DE REDAÇÃO
Paulo de Tarso Venceslau

Antônio Marmo de Oliveira
Aquiles Rique Reis

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Pedro Venceslau
MTB: 43730/SP

Beti Cruz
Daniel Aarão Reis
Fabrício Junqueira

EDITORIAÇÃO GRÁFICA
Nicole Doná
nicoleдона@gmail.com

João Gibier
José Carlos Sebe Bom Meihy
Lídia Meireles
Luciano Dinamarco
Renato Teixeira

IMPRESSÃO
Resolução Gráfica

Jornal CONTATO é uma publicação de Venceslau e Venceslau Publicações e Eventos Jornalísticos
CNPJ: 07.278.549/0001-91

COLABORADORES
Ângelo Moraes

REDAÇÃO: R. Irmã Luiza Basília, 101 - Independência
Taubaté/SP CEP 12031-160 Tel.: (12) 3411-1536
jornalcontato@jornalcontato.com.br

SÓ FALTOU XINGAR A MÃE

A sessão da Câmara da quarta-feira, 02, foi marcada por um confronto que tanto o público presente como o que assistiu pela TV não entendeu a razão de tanta baixaria; uma péssima aula de política para os mais jovens e um porre para os mais esclarecidos. "Me poupem", foi o comentário de Tia Anastácia

CPI DA UNITAU 1

Professor Zé Rui, que está reitor há 4 anos, deu um baile em quem queria crucificá-lo junto com a Unitau na quinta-feira, 03. Principalmente quando exibiu que os números "mostram uma recuperação fantástica", contestando informações divulgadas por uma certa imprensa de que a instituição vive uma crise financeira.

CPI DA UNITAU 2

E de cara informou que a tarquia tem R\$ 14 milhões de reserva financeira, o que representaria mais de duas folhas e meia de pagamento de funcionários. E mais, esse número é de 1º de abril, o pior dia para se conferir o saldo bancário. Em 14 de março, o saldo era de R\$ 19,3 mi.

CPI DA UNITAU 3

E de quebra informou que o ideal é dispor de uma reserva equivalente a três folhas de pagamento. A partir daí, todos os recursos serão investidos na melhoria da qualidade de ensino. "Meu amigo Zé deu um baile. Puderá, ele é de São Bento, faz música e poesia e ainda engana no violão", confidencia Tia Amastácia com suas amigas.

CPI DA UNITAU 4

Zé Rui não foi contestado uma única vez quando disse que o parcelamento do IPMT foi iniciado em 2013 e que dispõe reserva de mais de R\$ 1,8 milhão referente às parcelas até o final de 2014 que será colocada no orçamento de 2015 a previsão das parcelas do ano. E assim foi com o pagamento de benefícios de funcionários pela Funcabes, a dívida da Fust com INSS referente ao período de 1983 até 2000.

CPI DA UNITAU 5

E concluiu pondo os pingos nos is quando afirmou que a ex-reitora Maria Luci-

la Barbosa, da qual foi vice-reitor, tinha em caixa R\$ 35 milhões deixados pelo reitor anterior. "Ela usou a reserva para cobrir deficits. A inadimplência era muito alta, maior que 30%. Essa falta de receita fez que fosse necessária utilização da reserva." Tia Anastácia cofiou suas madeixas e tascou: "Essa mulher comprometeu as mulheres".

CÂMARA HILÁRIA 1

Vereador Paulo Miranda (PP) foi na mosca: "Achei que o governo iria pintar as faixas das ruas, mas só passaram um guache que ficou pior do que no tempo do Peixoto..."

CÂMARA HILÁRIA 2

Na discussão sobre o sistema de saúde vereador Luizinho (PROS) não mediu as palavras: "Não adianta encher a cara de pinga e ir pro PS encher o saco dos outros. Não dá pra encher o rabo de drogas e ir no PS pegar o lugar dos outros. Não dá! Não dá!"

CÂMARA HILÁRIA 3

"Sábias palavras desse vereador, com tanta experiência..." retrucou, o vereador Paulo Miranda (PP). "Se meu amigo Lui-

zinho entendeu e não retrucou vai ficar uma sensação de que... cala-te boca", disse a veneranda senhora olhando sua imagem no vidro da janela.

O PAU COMEU NA CÂMARA 1

Vereador Joffre Neto (PSB) contestando Bilili (PSDB): Esse requerimento tem uma sumula falsa. Ele não requer informações referentes ao Sistema de Saúde, requer informações pessoais do autor... Vou encaminhar à Comissão de ética da casa por induzir os vereadores da casa, como induziu inoentemente a vereadora Vera Saba (PT).

O PAU COMEU NA CÂMARA 2

"Quanto à comissão de ética o vereador (Joffre) não serve nem pra isso, pois tem processo lá de São Luiz do Paraitinga... Se tem ética é pro povo ver", disparou Bilili respondendo a Joffre.

O PAU COMEU NA CÂMARA 3

"Solicito ao vereador, que é tão corajoso, que acaba de afirmar que eu não tenho ética, se ele tem coragem de abrir mão da violabilidade e repetir isso para que eu possa levar às margens de um tribunal para ele provar que não tenho

ética. Quero ver se ele é homem pra isso!" retrucou Joffre. "Vou assistir de camarote esse tiroteio", comenta rindo Tia Anastácia.

O PAU COMEU NA CÂMARA 4

Mas ninguém entendeu quando Digão (PSDB) partiu para cima de Joffre: "É melhor ouvir bobagem do que ser surdo. Só que a gente não tem sangue de barata! Ele (Joffre) quer dar exemplo de moral. Se a questão é pessoal, resolva comigo pessoalmente. Não queira me ofender. Eu olho nos seus olhos e falo que você (Joffre) é um mentiroso".

O PAU COMEU NA CÂMARA 5

E Bilili complementou: "Ele (Joffre) quer dar aula pra todo mundo. Sai que nem um demônio que deixa rastro por onde passa. Eu sou querido. Eu sou abençoado por Deus e não fico andando pelas madrugadas". Tia Anastácio correu pegar um fósforo para acender algumas velas.

FINAL FELIZ

O requerimento de Bilili que provocou tanta baixaria foi aprovado por 7 votos e apenas 3 votos contrários. ●



GRILAGEM MODERNA DE TERRAS

A história de um casal de velhinhos cuja esposa é herdeira única de uma antiga fazenda com mais de 100 alqueires de terra, mas que sobrevive com apenas um salário mínimo cada um e por causa disso não tem recursos para pagar os custos de ações judiciais movidas por grileiros de toda espécie. Em episódios recentes, a Ergplan tem sido um dos protagonistas e tem adotado uma postura incompatível com o mundo civilizado. Na quinta-feira, 03, a Prefeitura embargou a obra da Ergplan

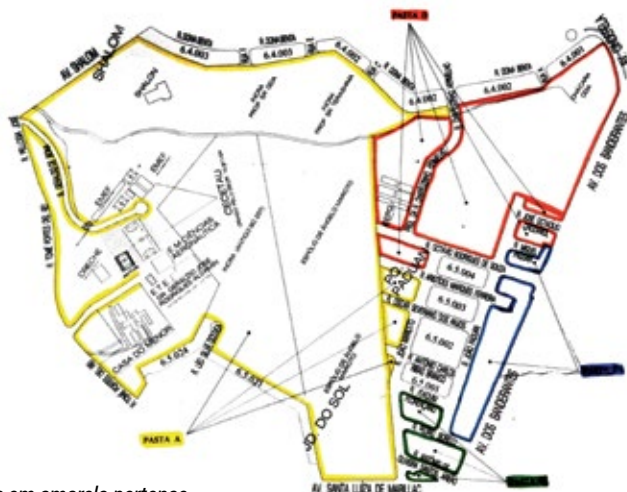
Boletim de Ocorrência (BEO) 379742/2014 de quinta-feira, 27 de março, sobre fato ocorrido entre 07h:00 e 07h:59, através da Delegacia Eletrônica da Polícia Civil. O declarante é Célio Alves, com quase 66 anos, aposentado. As partes envolvidas são, além do próprio declarante, João Barbosa dos Santos, nascido em 31 de maio de 1936 (quase 78 anos), profissão caseiro, e Carlos Eduardo Severo, vulgo Cadu, engenheiro, proprietário da Ergplan.

O BEO registra que: “O declarante (Célio) informa que não aguenta mais sofrer ameaças, intimidações e agressões verbais por parte do agressor proprietário da Emp. Ergplan e seus funcionários que continuamente comparecem na área de sua legítima propriedade cuja a qual está em inventário e os mesmos tentam invadir e expulsar o pessoal que lhe mantém a posse da área dentre elas o Sr João Barbosa dos Santos, o qual tem criação de gado no local. Realizam tentativas de pressão psicológica ameaçando e intimidando o declarante e sua esposa de 84 anos (faz 85 em maio) para tentar ganhar no grito, pois eles não possuem documentos legítimos da área.”

Segundo Célio declarou à reportagem, naquele dia ele foi avisado que funcionários da Ergplan estariam invadindo a propriedade de sua esposa e que se encontra sub judice na 2ª Vara Cível, processo 625 01 2008 015 809. Naquela quinta-feira o processo teria retornado da capital paulista. A família Moura Alves acredita que esse fato tenha precipitado a iniciativa da empresa.

CENAS DE FAROESTE

Na quinta-feira, por volta das 07h00, funcionários da empresa procuraram João Barbosa dos Santos e o teriam ameaçado



A área em amarelo pertence à família Moura desde 1898

para que retirasse seu gado da área, caso contrário, eles, funcionários, o retirariam “na marra”. Diante do relato de João para Célio, esposo da herdeira, o mesmo registrou o Boletim de Ocorrência (BEO379742/2014).

Seu João, como é conhecido, arrenda há mais de 25 anos aquelas terras de dona Ivonne de Moura Alves para criar gado. Suas 40 cabeças estão reduzidas a 18 depois que começou o atrito com a Ergplan. Seu João conta que a mangueira onde retirava leite foi destruída por máquinas da empresa. Ainda hoje podem ser vistos restos da alvenaria (foto na página seguinte).

No dia seguinte, no mesmo horário, funcionários da Ergplan arrebitaram a cerca que dá acesso ao pasto. Acionado, Célio chegou ao

local e pediu para que parassem. Não pararam. Diante do impasse, Carlos Alexandre de Souza Almeida, amigo de confiança da família que acompanhava Célio, ligou para o telefone 190. “A viatura chegou muito rápido”, ele conta, com um cabo e um soldado PM. O cabo perguntou quem havia telefonado, mas teria ignorado a resposta, dirigindo-se para a advogada da empresa.

Depois de alguns minutos, o cabo perguntou quem era Célio que se apresentou como o legítimo proprietário daquela área. Por outro lado, a advoga-

da da Ergplan apresentou uma escritura que provaria ser a proprietária. O militar teria virado para Célio e perguntado se ele pagava IPTU e teria dito que a “Ergplan é a proprietária e faz o que quiser com aquela área” e ameaçou expulsar Célio e Alexandre que decidiram acionar novamente o 190 para pedir uma nova viatura para verificar o comportamento do cabo, que não teria gostado da iniciativa.

Depois de algum tempo chegou outra viatura da PM com um sargento e um soldado. O primeiro teria perguntado quem teria ligado para 190 e se dirigiu para Célio e Alexandre para se informar.

Em seguida, procurou a advogada e a gerente da Ergplan que estavam acompanhadas por cerca de 10 funcionários da empresa. Diante do que teria ouvido, o sargento avisou a advogada que a área encontrava-se sub judice e que por causa disso deveriam procurar o juiz responsável pelo processo. Além disso, o militar teria recomendado que providenciassem o concerto da cerca porque, caso o gado fugisse para a rua a situação poderia piorar para a advogada e para a empresa. Recomendou ainda que paralisassem a obra e que todos seguissem para o 3º DP.

Na delegacia, porém, só encontraram o cabo PM da primeira viatura porque o sargento teria ido atender outra ocorrência. Não registraram BO e não foram ouvidos nem por escrivão e muito menos pelo delegado.

Célio e Alexandre retornaram, então, para área que se encontrava tomada pela Ergplan. Ali, os funcionários ouviam da gerente Rita e da advogada que a polícia havia mandado que Célio e Alexandre se retirassem do local. Os dois foram impedidos



João Barbosa, 78 anos, mostra a porteira arrebitada por funcionários da Ergplan



Pequeno exército de Brancaléone: Célio, marido de dona Ivonne, Jonas, advogado, Carlos Alexandre, amigo da família, e João Barbosa, dono do gado que pasta no terreno arrendado há 25 anos

de entrar na área.

A RETOMADA

Diante do impasse, no fim de semana Célio e Alexandre reuniram alguns amigos que se dispuseram a ajudá-los na retomada da área. Adquiriram mourões e arame farpado e seguiram para a área no domingo, 30. Imediatamente repuseram os mourões, reconstruíram a cerca e a fecharam com um cadeado. A chave foi entregue a João como é feito há muitos anos.

Dessa vez, foi a Ergplan que chamou a polícia. O sargento PM que ali compareceu imediatamente observou a placa da família Moura Alves informando que a área encontrava-se sub judice e o número do processo que corre na 2ª Vara Cível. Ordenou a paralisação da obra e conduziu todos para o 3º DP.

O delegado de plantão, Jorge Miguel de Andrade, depois de se inteirar do acontecido teria ouvido da advogada da Ergplan que a empresa seria proprietária e exibiu um documento que comprovaria. Imediatamente, alguém da família de Célio contestou afirmando que se tratava de uma matrícula montada.

Diante da manifestação da família Moura, a advogada fez um movimento para guardar o documento em sua bolsa, porém, o delegado teria solicitado que ela lhe entregasse. Diante da recusa, a autoridade insistiu e só teria sido atendido quando ele manifestou seu descontenta-

mento. Assim que recebeu os documentos das duas partes, o delegado entregou-os para o escrivão pedindo para que fossem periciados.

Naquele momento, segundo os familiares de Célio, Carlos Eduardo Severo, o Kadu, proprietário

da Ergplan, colocou as mãos na cabeça. Seria um gesto de insatisfação com a condução daquela acareação?

OBRA IRREGULAR

Na quinta-feira 03, nossa reportagem esteve na secretaria de Planejamento. Objetivo: saber sobre a situação da área reivindicada pela família Moura e ocupada pela Ergplan. A resposta foi que não existe qualquer projeto aprovado pela municipalidade naquela área. Trata-se de uma iniciativa irregular por parte



Acima, gado preso na mangueira e os restos do imóvel demolido por máquinas da Ergplan; abaixo, placa anunciando o número do processo na Justiça perde espaço para a placa da Ergplan



de uma grande empreiteira.

Diante dessa constatação, seria importante que as autoridades buscassem esclarecer o que um casal de velhos deve fazer diante da força e da truculência de uma empresa como a Ergplan?

Trata-se de uma situação que se arrasta há pelo menos seis anos, desde que o Oficial de Registro de Imóveis. Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica informou ao juiz da 5ª Vara Cível de Taubaté, Processo 663/08 em Ação de Usucapião, cujo requerente é Guilherme de Moura (espólio). Segue a transcrição literal:

“Tenho a honra de informar a Vossa Ecelência, nessa ação de usucapião sobre o imóvel composto pelo terreno com frente para a Rua Chapeuzinho Vermelho, s/nº, Parque Paduan, no perímetro urbano, não oriundo de parcelamento irregular, que: [o] titular de domínio: Guilherme Antonio de Moura (transcrição nº

6438-L3G-1ª Série).” Em seguida, traz os nomes de 78 “confinantes tabulares”. Ou seja, os proprietários dos imóveis que se limitam com a área sob o domínio do espólio.

Pela documentação que nossa reportagem teve acesso não restou dúvida sobre a justiça das reivindicações da família Moura.

Incompreensível, porém, é a postura da empreiteira que se recusou a dar sua versão sobre o episódio e que poderia ao menos se utilizar de posturas mais civilizadas para resolver problemas jurídicos, principalmente quando se trata de senhora de 85 anos que, como aposentada depois de trabalhar 30 anos na CTI, sobrevive com apenas um salário mínimo.

Na quinta-feira, 03, fiscais da Prefeitura embargaram a construção de uma central de vendas da Ergplan dentro da propriedade sub judice por falta de aprovação por parte dos órgãos competentes. Será que o jogo virou? ●

CRONOLOGIA

15 de julho de 1898 – Thimoteo Antonio de Moura adquire Ronda Grande, no bairro de Cavarucanguera por Rs6.000\$000;

11 de abril de 1906 – Guilherme Antonio de Moura, em decorrência de uma carta de remissão nessa data (provavelmente a propriedade foi a leilão e Guilherme como filho usou do direito de pagar preferencialmente o mesmo preço do valor alcançado em leilão). A carta de remissão definia o valor de Rs 4.000\$000 e foi assinada pelo juiz de direito da comarca José Martins Bastos.

07 de maio de 1948 – Guilherme e sua esposa “instituíram a favor da Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio S/A a servidão perpétua, gratuitamente, sobre uma faixa de terreno com largura de 10 metros e o comprimento de 675 metros, mais ou menos, com a área total de 6.750 m² no imóvel antes denominado “Ronda Grande”, atualmente “Granja Natal”, no bairro da Água Quente”.

08 de março de 1954 – Licurgo Barbosa Querido adquire 62 alqueires de Guilherme Moura e desenvolveu um loteamento, hoje bairro da Gurilândia. Os 38 alqueires restantes fazem parte do espólio de Guilherme Moura.

2008 – Desde essa data, a empresa Ergplan tenta assumir o controle da área que, mesmo sem documentação, ela usou para permutar com a Sociedade São Vicente de Paulo, em troca do terreno e imóveis que formam a Casas Pias na rua 4 de Março.

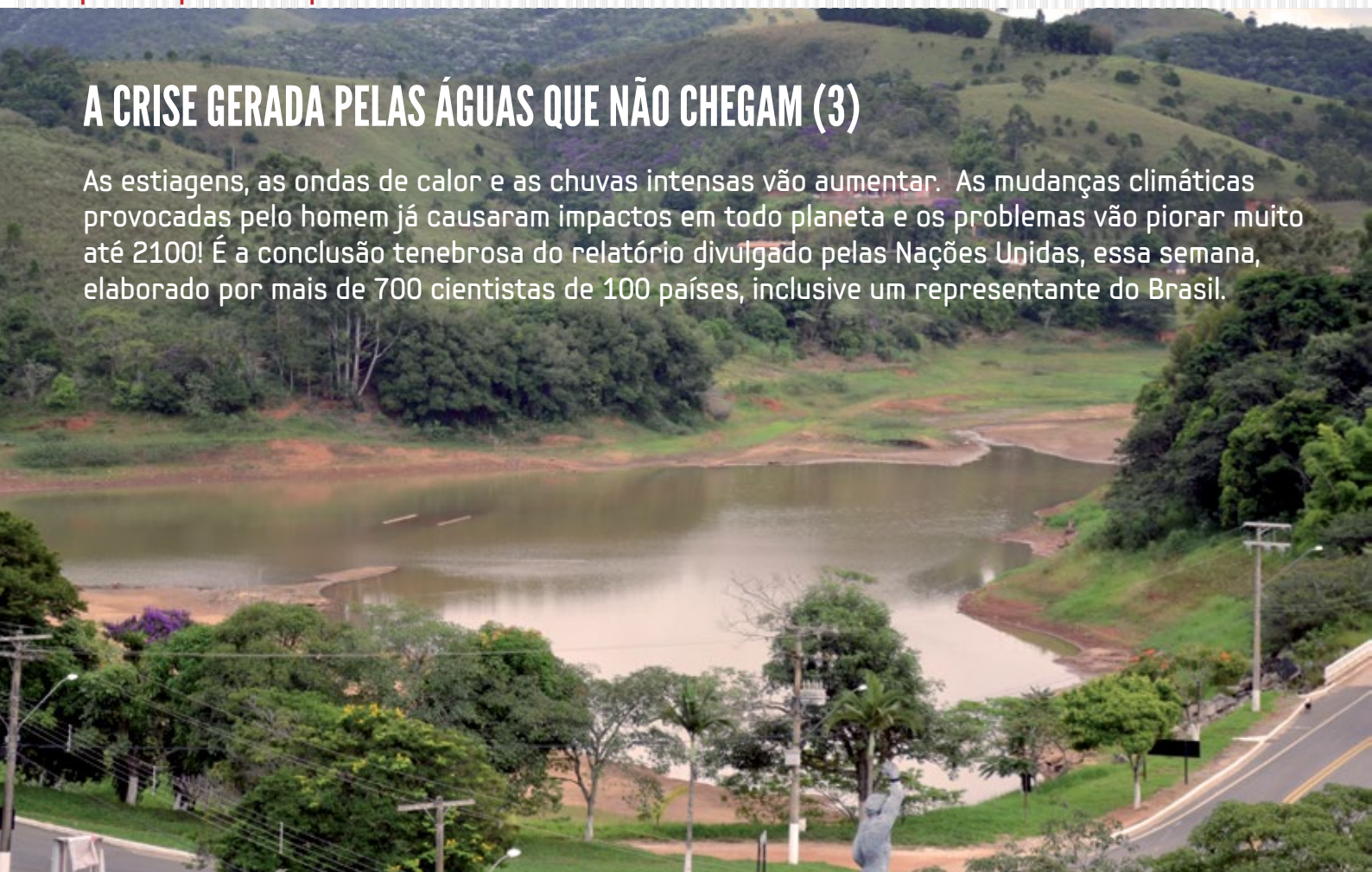
03 de abril de 2014 – A Prefeitura embargou a obra que a Ergplan tenta desenvolver no local. Motivo: ausência de projeto aprovado pela Prefeitura e autorização dos órgãos competentes. ●

MODENA 
A 1ª do Vale

tel.: (12) 2125-9900
www.modenafiat.com.br

A CRISE GERADA PELAS ÁGUAS QUE NÃO CHEGAM (3)

As estiagens, as ondas de calor e as chuvas intensas vão aumentar. As mudanças climáticas provocadas pelo homem já causaram impactos em todo planeta e os problemas vão piorar muito até 2100! É a conclusão tenebrosa do relatório divulgado pelas Nações Unidas, essa semana, elaborado por mais de 700 cientistas de 100 países, inclusive um representante do Brasil.



Represa de Redenção da Serra na estiagem de 2014

O prognóstico apontado pelas Nações Unidas e sendo atropelado pela realidade CONTACTO aborda nessa terceira reportagem o histórico das piores estiagens ocorridas no Estado de São Paulo e quais foram as medidas tomadas pelos gestores dos recursos hídricos na época.

AS ESTIAGENS AO LONGO DOS TEMPOS

Os dados começam a ser medidos a partir de 1930. A primeira grande estiagem da qual se tem informações foi a de 1953, que durou até 1955, com longos períodos sem chuvas. A duração das estiagens varia de três a cinco anos. Existe um es-

tudo do professor Jesus Marben dos Santos, atualmente no INPE, que concluiu que as grandes estiagens são cíclicas, e se repetem em períodos de 11 anos.

Sofremos com a falta de chuvas, em períodos que deveriam ser chuvosos, de 1964 até 1970 e dessa vez durou quase cinco anos, depois em 1985, em 2001 e agora. Levando em consideração que a duração de cada uma varia significativamente, esses ciclos podem ser verificados. Mas, as estiagens inesquecíveis foram as de 1953, 2001 e a que estamos vivendo esse ano. Especula-se qual superou a outra. Sempre achamos que é a que estamos vivendo no momento.

Em janeiro de 1953 a vazão

média mensal do Sistema Cantareira foi de 24,5 m³/s e, em fevereiro de 2014, a vazão caiu para 8,9 m³/s. Com um agravante: em 1953, São Paulo possuía 2 milhões de habitantes e hoje o sistema tem que abastecer cerca de 20 milhões.

CRISE ENERGÉTICA

2001 foi o ano do apagão. No Brasil todo teve uma diminuição no volume de chuvas. No Vale do Paraíba, a queda no nível pluviométrico não foi sentido, mas não caiu uma gota de água nas cabeceiras dos rios que formam os reservatórios. E assim, não houve o refletionamento dos reservatórios, isto é, não se conseguia encher os reservatórios.

O estado de São Paulo estava em plena crise de energia. Com uma matriz energética hidráulica, a CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo) precisava de

água para suprir a demanda. Primeiro começou a esvaziar o reservatório do Jaguari e depois o de Paraibuna.

“Quando o nível dos reservatórios começou a cair demais, o Comitê das Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS) começou a se movimentar”, disse Benedito Jorge Reis, presidente do CBH-PS de 2001 à 2005. “Preparamos um dossiê com fotos mostrando a situação dos reservatórios e entregamos a Dilma Rousseff, na época Ministra de Minas e Energia, que se dispôs a resolver o problema. Logo em seguida ela convocou as autoridades do setor elétrico para que apresentassem uma nova solução”, contou Reis.

“O segundo passo foi tentar recuperar os níveis dos reservatórios”, disse Reis. A ANA – Agência Nacional de Águas – baixou uma resolução para diminuir de 160 m³/s para 120 m³/s a vazão para Santa Cecília, no Rio de Janeiro. Passado um ano, essa ação não obteve o resultado esperado, os reservatórios continuavam com o nível muito baixo. “Então, em 2004 foi tomada uma medida drástica: poupar água”,



**CUIDANDO DA LIMPEZA
E DA NATUREZA.**

MILCLEAN
Soluções em Limpeza Profissional.

Taubaté - SP | 12 3625 2200
www.milclean.com.br

disse Reis. A vazão mínima dos reservatórios foi sendo gradativamente reduzida: em Santa Branca, que tinha a vazão mínima de 40 m³/s foi reduzida para 34 m³/s e mantido 6 m³/s no reservatório. Na represa do Jaguari, cuja vazão mínima era de 10 m³/s caiu para 7 m³/s, e conservado 3 m³/s no reservatório. "Em seis meses estavam recuperados".

TRANSPosição FLUMINENSE

Mas, e o Rio de Janeiro, como ficou? Ficou muito bem! "Com essa redução, o RJ não sofreu nenhuma consequência, conseguiu sobreviver com uma vazão de 105 m³/s em 2002, o que podemos concluir então que a vazão de 160m³/s é absurda", conclui Reis. Só a CEDAE – Cia Estadual de Águas e Esgotos -, estatal de saneamento carioca, foi prejudicada por ter sido reduzido o volume de água para a diluição do esgoto, encarecendo o custo do tratamento da água. Mas, segundo Reis, a ANA propôs um financiamento para resolver definitivamente o problema do esgoto nesse ponto do RJ, mas não foi aceito pela estatal. "Era uma obra que custaria 12 milhões, para ser paga em dozes vezes, o mesmo que a CEDAE estava gastando com

o tratamento do esgoto por mês", disse Reis.

No Vale do Paraíba não teve racionamento e ninguém sentiu falta de água. Só houve na capital paulista. O Rio Paraíba funciona como uma adutora: quando o RJ precisa de água, aumenta a defluência, ou seja, abre suas comportas e o Rio Paraíba transporta a água da grande caixa d'água que é o Reservatório de Paraibuna para Santa Cecília. "Com isso se deduz que a retirada de 5 m³/s (ou 5.000 l/s) para abastecer São Paulo não vai afetar em nada", conclui Reis. "A proposta do Governador Alckmin não é nenhuma novidade, e está embasada em estudos já realizados", completou.

ESSA HISTÓRIA NÃO É DE HOJE

Em 1954, durante a escassez hídrica da estiagem, o então Diretor Geral do Departamento de Águas e Esgotos de São Paulo, Plínio Penteado Whitaker, enviou ao superintendente da Light & Power Co., Marinho



Benedito Jorge Reis, presidente do CBH-PS de 2001 a 2005

Lutz, um ofício(3663/54-DAE) descrevendo seu trabalho que fora publicado na Revista Engenharia, em outubro de 1946, intitulado "Abastecimento de Água da Cidade de São Paulo – Sua Solução", onde defendia que o abastecimento de água potável à cidade de São Paulo exigiria, em futuro não remoto, a utilização das águas do rio Paraíba, recalçadas para o Vale do rio Tietê.

Trabalhando com a projeção de um cenário de 50 anos (que seria 1996), quando a população da capital atingiria 8.100.000 habitantes, com base na projeção do crescimento populacional tendo como base os censos de 1900, 1920 e 1940, previa que a utilização de 15 m³/s de águas do Rio Paraíba seria imprescindível para o abastecimento público da área metropolitana de São Paulo. Essa ideia, portanto, vem de tempos remotos e para prover uma população muito menor.

O estudo de Plínio Penteado também previa a necessidade de um alto consumo de energia para a elevação das águas do rio Paraíba e sua distribuição nas redes da capital, que logo seria compensado pela energia que essas águas iriam produzir na Usina de Cubatão, para onde seguiriam depois de eliminadas pelas redes de esgotos da área metropolitana de São Pau-

lo. E mais, já naquele tempo, o diretor dizia no mesmo ofício que a autarquia se sentia alarmada com a concessão de 200 m³/s para Santa Cecília, motivo pelo qual ele estaria remetendo cópia do ofício ao Secretário da Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo.

Em 2008, o governador José Serra, sentindo-se desconfortável com a situação do abastecimento de água em São Paulo, contratou a mesma assessoria utilizada para sustentar a transposição proposta pelo governador Geraldo Alckmin, para um estudo que indicasse ações que garantissem o fornecimento satisfatório de água para a cidade até 2035. Mais uma vez, a transposição das águas do Rio Paraíba foi indicada como a melhor opção.

Mas, desta vez, a natureza conspirou contra (ou a favor?), choveu muito nos próximos anos e o projeto foi colocado de lado. Com a falta de água que assola os reservatórios esse ano, Alckmin, aproveitando o mesmo estudo que foi atualizado em 2013, só está dando continuidade a essa ideia, que há muito tempo tem se mostrado como a solução para os problemas que as estiagens vêm causando ao longo da história do abastecimento do povo paulista. ●



O fundo do reservatório, só resta um corregozinho

Todo dia é dia de mudanças.

INSCREVA-SE ATÉ 2 DE ABRIL

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

0800 557255

UNITAU.BR



Cultura

da Redação

MEMORIAL GUISARD

"Publique-se para que não se perca"

Em 1938, Felix Guisard Filho idealizou a Biblioteca Taubateana de Cultura, uma coleção de livros dedicados a reproduzir e estudar documentos dos séculos 17, 18 e 19, que estavam se deteriorando nos cartórios do município. "Publique-se para que não se perca", foi a frase-lema da coleção. Sete décadas e meia depois, a espírito da Taubateana está de volta e adequada ao século XXI.

A iniciativa é novamente de um Felix Guisard empresário, desta vez o neto do historiador e bisneto do fundador da Companhia Taubaté Industrial (CTI). "Tenho que contribuir de alguma forma. Comecei fazendo um garimpo nos acervos da família e agora vamos reuni-los na internet", comemora o empresário.

O Memorial Guisard foi planejado para digitalizar, além do acervo da família, uma vasta produção jornalística, acadêmica e historiográfica sob a guarda de instituições taubateanas.

Para realizar este feito, estão sendo firmados convênios com a Universidade de Taubaté e a Prefeitura.

"A Unitau é guardiã da importante memória da CTI e agora, por meio desse convênio, poderá democratizar o conhecimento e socializar o saber", comenta o reitor da instituição, José Rui de Camargo.

Para Ortiz Junior, prefeito de Taubaté, "essa é uma iniciativa extraordinária porque democratiza a informação ao permitir acesso público à fontes primárias". O acervo do Divisão de Museus foi formado inicialmente a partir de documentos resgatados por Felix Guisard Filho.

O projeto Memorial Guisard é patrocinado pela Guisard Empreendimentos e desenvolvido pela produtora cultural Almanaque Urupês.

O portal será lançado no segundo semestre de 2014.

NA WEB

No portal, o internauta encontrará uma linha do tempo traçando a trajetória da família Guisard; a Biblioteca Taubateana de Cultura, com versões de livros clássicos; catálogo com a digitalizações e localização de documentos para consulta pública; e um vídeo documentário.

EM QUADRINHOS

O ilustrador Angelo Morais é o artista convidado para desenhar a biografia ilustrada de Felix Guisard voltada ao público infanto-juvenil.



AVE MARIA



20 Yards



Eu tenho a impressão que, na internet, esse material vai ter muito valor. Hoje existem mais pessoas interessadas nisso do que na época do meu pai (Felix Guisard Filho). A molecada de hoje que não conhece vai se interessar, não tenha dúvida. ” José Guisard



Depois da morte do meu pai (Guisard Filho) herdei uma caixa de papelão cheia de manuscritos. Eram as anotações para fazer a biografia do meu avô. Todos os domingos eu ficava mexendo os papéis, traduzindo, já que muitos eram em francês, e me apaixonei. ” Maria Cecília Guisard Audrá

Sobre as pesquisas para o livro “Olhando para o passado”.



A partir do acervo da minha tia (Maria Cecília) eu comecei a pesquisar. Pensei: “eu vou ter que fazer alguma coisa, porque as coisas estão sumindo, se extraviando; fotografias, histórias e tudo mais”. Eu, então, comecei a fazer um garimpo fotográfico pela família. E agora a gente vai fazer esse site. ” Félix Guisard



A história tem que ser preservada! E porque não a gente preservar a história de Taubaté, em que a nossa família foi tão importante, foi tão eficiente em algumas coisas e quis tão bem a cidade? ” Denise Guisard

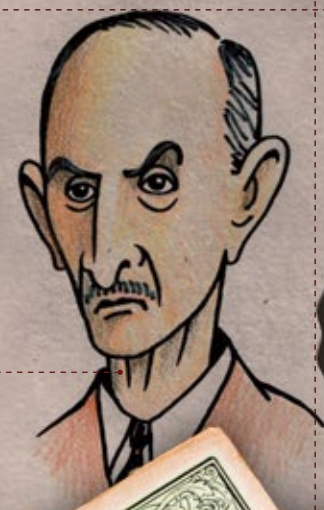


A Unitau é guardiã da importante memória da CTI e agora por meio desse convênio poderá democratizar o conhecimento, socializar o saber. ” José Rui Camargo, Reitor da Unitau



Iniciativa extraordinária porque democratiza informação ao permitir acesso público à fontes primárias. ”

Bernardo Ortiz Junior, Prefeito Municipal



HOMENAGEM

Em outubro completam-se 50 anos da morte de Felix Guisard Filho, ocasião em que a Câmara de Taubaté realizará Sessão Solene para prestar tributo a um de seus representantes mais ilustres. “Felix Guisard Filho tem um papel importantíssimo também na história política de Taubaté. É uma obrigação moral desta Casa de Leis celebrar um cidadão que tanto contribuiu com a cidade”, afirmou o presidente da Câmara, vereador Carlos Peixoto.



Arquivo CMT



METAMORFOSE IV

Bom é não mais se inquietar
Com as respostas às questões
Já feitas; se não as encontrar
É porque não é chegada a hora.
É bom fazer o caminho, sonhar
Os sonhos todos, e não chores
O que não pode ser, mas faz do
Absurdo tua maneira de existir,
Antes de tudo, torna-te o que te
Foi dado ser agora por inteiro!
Viaja por esta vida merecida e que
A ti foi concedida com a mesma
Gula de uma criança; dança e
Canta o que fizer parte de ti, vê,
É hora de mudar o cardápio,
Saborear o desconhecido...
Do que tens medo se a noite se
Avizinha?
Toca com tuas mãos o céu, voa,
Salga o tempo sem querer dele o
Sabor possessivo de toda razão
Impertinente, sê mais contente,
Não temas o silêncio, a saudade se
Fará companheira, deixa ao mundo
A interrogação do que sempre foste,
Nada será novo, pois uma parte de ti
É espelho e, à outra, reserva os teus
Abismos profundos...
Lídia Meireles

CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Mestre JC Sebe traça um paralelo entre duas escritoras negras e os diferentes momentos que marcaram a produção de cada uma

A mais importante escritora negra brasileira faria cem anos, se viva fosse. Muitos eventos estão se articulando para pensar o impacto dessa figura cativante. Entre vários escritos que tenho que produzir para diferentes encontros, escolhi retratar uma linha paralela entre Carolina e Conceição Evaristo, outra escritora negra, viva ainda hoje. Vali-me do critério que naturalmente aproxima as duas, como se a segunda fosse uma espécie de continuidade da outra. Li “Becos da Memória”, “Ponciá Vicêncio” e “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição em vista da obra de Carolina. Aprendi muito de literatura e escrita feminina, Mas, sobretudo pude ver o progresso da literatura negra à brasileira. Confesso que as questões de ternura e afeto decorreram dos textos de Conceição. Isto, porém, em contraste claro com o amargor transmitido por Carolina. Dois tempos, duas escritoras negras.

Mas seria mesmo Conceição Evaristo herdeira de Carolina Maria de Jesus? Percorri página por página da obra publicada de ambas e confesso que me desencontrei da premissa dada. Há sim elos, é claro. Não há, porém, proximidades formais, de escrita e, mais do que tudo, de protesto. Vejo em Conceição outro momento histórico. Nos idos dos “anos dourados” no fulgor da contracultura brasileira, cabia Carolina Maria de Jesus. Não mais agora. O que temos hoje é um movimento negro constituído de causas afinadas com ideais políticos tangíveis. E a prova disto é a presença de uma escrita, de Conceição, que superou o protesto. Mulher posta na vida acadêmica é para a universidade que traz sua experiência. E a elegância de sua prosa mais faz evocar a sabedoria do que o protesto. A soma dos três livros de Conceição Evaristo se coloca próxima de uma epopéia de mulher brasileira que se depurou de uma tradição, esta sim, marcada por Carolina Maria de Jesus. É como historiador evoco aquele passado.

Em primeiro lugar, cabe caracterizar o ano de 1958 como vital, pois fatos como: a grande seca do nordeste e o êxodo de milhares de pessoas para o sul; a construção da Belém-Brasília; a edificação de Brasília; as multinacionais chegando; a Bossa Nova; o Cinema

Novo; o Brasil Campeão do Mundo na Suécia... Tudo levando a crer que eram chegados os “anos dourados”. É preciso também lembrar que por aqueles dias Nelson Rodrigues moldava o jornalismo realista brasileiro com suas afinetadas na moral pequeno-burguesa da classe média carioca. Em São Paulo, também nordestino como Nelson Rodrigues, um jovem entraria em cena para dizer a que veio: Audálio Dantas. Audálio e Carolina viriam a ser protagonistas de uma história que merece ser retomada. Criador e criatura, ambos apenas se explicam como resultado de um projeto de Brasil sintetizado no slogan do Plano de Metas de JK “50 anos em 5”.

Aquele ventilado tempo da nossa contracultura exibiu uma pluralidade artística que consagrava pelas vias usuais o futebol e a música, alguns novos valores – Pelé, menino ainda, brilhava ao lado de Didi e de Garrincha. Na música, personagens como Elza Soares e Jair Rodrigues representavam uma nova geração de cantores negros que iniciavam a “cultura da cor”, renovando a velha linha de sambistas afastados do público. A grande novidade, contudo, viria pelas páginas escritas por Carolina Maria de Jesus. Apenas naquele momento de movimentação social e política tão intensa, seria possível pensar na estréia e consagração de uma escritora negra.

De lá para cá, muita coisa aconteceu. Uma ditadura resistente estendeu seu véu sobre as possibilidades culturais. Inquietas e incessantes manifestações dimensionaram necessidades e também de forma sutil foram se impondo. Entre o momento de Carolina e o instante de Conceição Evaristo, saúdo o movimento negro brasileiro. Na celebração do centenário de Carolina Maria de Jesus, vejo como presente a leitura da obra de Conceição Evaristo.

A fim de ampliar a festa, foram convidados dois colegas, professores da Unigranrio, para dimensionar o debate: Daniele Fortuna, pesquisadora de biografias, presença do corpo na literatura, se compõe com Idenburgo Frazão, colega interessado em “literatura marginal” e em especial em Lima Barreto.

Agradeço a presença de todos e em especial a professora Jacqueline que organizou este evento. ●



ROLÊ SOCIAL



A combativa Cida Coupé, advogada que abraçou a causa do velho, marcou presença na festa pelos 112 anos da Casa São Francisco

Dupla mais segura impossível, aliás, só perde para a simpatia, é o que pensam os frequentadores do Fórum Cível

Dizem que Fernando Takao ainda não se acostumou com o doce far niente da vida de aposentado

Bete Novais de Abreu e Aparecida Prata não se cansaram de trocar figurinhas na noite de gala da Confraria Univinho

Nossa reportagem captou imagens que foram esquecidas, involuntariamente, de pessoas fantásticas como o engenheiro Fernando Takao, ex-

-diretor do Senai onde, mesmo depois de aposentado é queridíssimo; a dupla de comadres (ou seria confradas? Quem sabe o feminino de confrade? Carta à

redação, please) Bete e Prata na inesquecível noite da Univinho; a batalhadora advogada Cida Coupé que não abandona sua vocação de fazer o bem, principalmen-

te quando se trata de velhinhos; e finalmente a dupla ouro e prata que dá plantão no Fórum Cível, cujo bom humor torna mais ameno o calor de tardes escaldantes. ●



Excellence
O MUNDO DOS IDIOMAS

MUNDO **TRIP & BUSINESS**

NOSSOS CURSOS

FAST TRACK
FREE TALK
CONNECT
TAKE OFF
ACHIEVE

COM
MÉTODO
CAMBRIDGE



MUNDO **KIDS**

Para crianças a partir de 4 anos de idade, trabalhamos com material próprio que foi desenvolvido de forma didática e divertida. Ilustrado com a personagem Sabida.

SABIDA



Aprender um **novo idioma** abre caminhos para um **mundo de oportunidades**. Venha fazer parte deste **mundo!**



AMPLIO ESTACIONAMENTO

RECEPÇÃO

SALAS MODERNAS E CLIMATIZADAS

MATRÍCULAS ABERTAS

(12) 3426-2850

Av. Bandeirantes, 3170 - Jardim Eulália | Taubaté/SP
contato@escoladeidiomasexcellence.com.br

“31/03/64: O DIA EM QUE TUDO MUDOU”

Caminhei até o ponto de ônibus, poucas pessoas na rua. Existia um clima de golpe militar tanto nas televisões, nas rádios e nos principais jornais (capitaneados pelo “O Estado de S. Paulo” e o “O Globo”), assim como nas famílias católicas ou tradicionais. Nas televisões, políticos como Carlos Lacerda e Magalhães Pinto, e alguns jornalistas, clamavam pela intervenção militar com a finalidade de evitar “um Brasil comunista”. Como disse, não vi revoltados nem comunista, nem sindicalista, nem ateu, nem trabalhador, só de vez em quando um camburão da polícia, um punhado de soldados da Força Pública (antiga Polícia Militar) e a Polícia do Exército cercando a sede do 2º. Exército, na Rua Conselheiro Crispiniano, em São Paulo.

Ao chegar à Faculdade de Direito, encontrei-a fechada, com aviso de suspensão das aulas. Conversei com colegas defronte da Faculdade, uns pasmos, outros satisfeitos, outros preocupados com os acontecimentos. De fato, o que ocorria para quem tinha esperança de construir sua vida dentro dos padrões até então imaginados, era sinistro, desastroso e ameaçador. Tudo, em nome do “combate aos comunistas”, bastante pulverizados em 1964, na realidade ocultando uma verdade que era fazer uma “ocupação branca” do país, em



Prédio da faculdade de Direito da USP, onde o autor do texto estudava na ocasião do golpe de 1964

nome dos norte-americanos, no contexto da guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética.

Abusando da ignorância e da crença da população brasileira, e orientados pelo Departamento de Estado e pela Agência de Informação (CIA), ambos dos Estados Unidos da América, os ditos “defensores da democracia” (senadores, deputados, governadores e civis arrivistas) invadiram o gabinete da presidência da República em Brasília, no momento em que o presidente João Goulart ainda se encontrava em território nacional.

Buscou-se um jurista da ditadura Vargas, Francisco Campos, de formação fascista, auxiliado por mais outro, Carlos

Medeiros, a fim de instruir a sessão do Congresso Nacional para declarar vacância da presidência da República e redigir o denominado Ato Institucional N° 1, dentro das regras ditas pelo general Castelo Branco e por Milton Campos. Desde o Estado Novo e a “Constituição Outorgada” de 1937, Francisco Campos se aprimorara em elaborar instrumentos de exceção, suprimindo direitos civis e políticos, que ele considerava desnecessários.

Logo depois, viajei para Taubaté, onde em meio a alegrias, tristezas e temores falava-se “oh, os militares tomaram o poder para acabar com a bagunça”, com a qual

não me deparei naquele momento, apenas depois, tanto no aparelho estatal com a indisciplina militar, como nas ruas reprimidas à vontade, em defesa da lei e da democracia. Imaginei que o desemprego poderia talvez diminuir, tamanha a quantidade de agentes e informantes contratados para vigiar seus compatriotas. Começava assim a ser construída “a democracia” de 31 de março de 1964.

Naquele mesmo dia em Taubaté, fui até o prédio da antiga Escola Normal, na qual discursava o deputado federal do Partido Democrata Cristão, Plínio de Arruda Sampaio. Suas palavras exalavam

esperança, acreditava ele que o assim chamado “dispositivo militar” do presidente Goulart, mais a indignação popular pelo desrespeito à Constituição Federal de 1946, resistiriam a desordem civil e militar. Qual o quê!

Resolvi que, após aquele dia, eu abandonaria, como fiz, meu projeto pessoal de atuar na diplomacia, bem como em qualquer profissão capaz de representar qualquer poder direto do Estado. Acho que me dei bem, não colaborei e não colaborei com nenhuma manifestação de cunho discricionário, nada de tirania. Minha convicção não foi em vão, nem meu 31 de março deixou de ensinar-me o preço de ditadura.●

“Servindo você com qualidade,
respeito e confiança desde 1973”



Av. JK, 701 - esquina c/ Av. da Saudade, 190
Taubaté - São Paulo

tel.: (12) 3632-9433 / fax.: (12) 3632-9678
e-mail: petroval@uol.com.br

DE GRAZI MASSAFERA A VANESSA MESQUITA: BBB AGONIZA EM PRAÇA PÚBLICA

Não foi por acaso que a quinta edição ficou marcada como a mais importante da história do reality

A 14ª edição do 'Big Brother' chegou ao fim na semana passada com o pior índice de audiência da história do programa, que começou a ser exibido no distante ano de 2002. A última versão do reality teve uma média de 23,4 pontos, 17 a menos do que a primeira. Isso representa, ainda, a metade do que registrou o 'BBB 5', que teve média de 47,5 pontos - a maior de todas.

A notícia foi celebrada por aqueles que sempre torceram o nariz para a atração. Não é o meu caso. Confesso que senti até uma ponta de saudade (ou seria melancolia?) vendo que a decadência do formato possa ser um processo irreversível. Não passei nem perto da edição que terminou recentemente e a única notícia que tive sobre ela foi a formação de um sólido casal gay feminino - algo inédito.

No dia seguinte á "grande final", uma moça de nome Vanessa Mesquita, 28, declarou que não descarta continuar o relacionamento com a namorada Clara fora do reality show. O detalhe picante é que ela é casada com um homem e tem um filho. Fora isso, o BBB14 passou batido.

Aparentando cansaço, Pedro Bial perdeu a mão nos textos, poemas e "sacadinhas". E as ações de merchandising cada vez mais agressivas contaminaram totalmente as provas do líder, que sempre foram peça de resistência da atração.



divulgação

Além da fadiga de material, as escolhas erradas dos participantes nas últimas edições comprometeram a qualidade da rotina. Navegando pela memória afetiva que guardo do programa elenquei três edições clássicas que, imagino, também marcaram os fãs do BBB.

Não foi por acaso que a quinta edição ficou marcada como a mais importante da história do reality. A audiência recorde deveu-se naquele caso à excelente escolha do time e ao envolvimento sincero do apresentador com os personagens. Não por acaso, a final ocorreu entre os dois mais bem sucedidos participantes do BBB. Grazi Massaferra tornou-se atriz da Globo,

casou-se com Cauã e entrou de corpo de alma no primeiro time das estrelas globais. Jean Wyllys, que marcou época por ter sido o primeiro gay assumido do programa, filiou-se ao PSOL, elegeu-se deputado federal e foi escolhido pelo DIAP um dos mais influentes nomes do Congresso Nacional.

Daquele programa em diante, a atração foi caindo gradativamente de qualidade, audiência e repercussão. Quem se lembra do Max? Ou do Rafinha Carvalho? Ou ainda do Marcelo Dourado? A terceira figura que se deu bem fora do BBB foi Sabrina Sato, que curiosamente não chegou a ser campeã. Foi eliminada pelo Domini, que venceu cinco

paredões e sumiu totalmente do mapa. Mas, de todas as edições a que mais me mobilizou foi a segunda. Dela participou um antigo amigo do bairro, o Tyrso, que formou com Manuela o casal mais marcante da atração. •

O melhor do trocadalho do carilho



www.blogdovenceslau.blogspot.com

BICHOPREGUIÇA



BANHO - TOSA - VETERINÁRIO

Apresente o recorte desse anúncio e ganhe 20% de desconto nos serviços de tosa e banho às 2ª, 3ª e 4ª feira

Fone 3624-8585

Rua Doutor Emilio Winther, 155 - CENTRO

Grupo



SEUS PÉS EM BOAS MÃOS!

FINANCIAR A PESQUISA: PRÓS E CONTRAS DOS FUNDOS PATRIMONIAIS

Em janeiro de 2014, a FAPESP, órgão de fomento à pesquisa acadêmica do Estado de São Paulo, e a Academia Brasileira de Ciências promoveram o seminário *Excelência na Educação Superior*. *Objetivo*: discutir quais fatores podem fazer com que o ensino superior no Brasil alcance níveis de excelência e de formular recomendações para as políticas públicas.

Um dos problemas abordados foi o de ampliar as fontes de recursos para as universidades brasileiras. No caso das públicas, a maior parte advém justamente dos impostos dos cidadãos. Conforme noticiou a Agência de Notícias da FAPESP, todavia, os participantes do evento observaram que vários centros de excelência mundiais, como a Universidade Harvard, têm fundos de doações bilionários (o de Harvard recentemente ultrapassou os US\$31 bilhões).

A evocação desse tema no seminário já reflete uma tendência crescente entre nossas universidades de instituírem seus próprios fundos para captar doações de pessoas físicas e jurídicas. De fato, oito instituições de ensino superior e pesquisa começaram o processo que julgam ser necessário para aumentar principalmente as

NOVA LEGISLAÇÃO

Está tramitando no Congresso Nacional, desde 2012, o projeto de lei nº 4643 que autoriza a criação de Fundo Patrimonial nas instituições federais de ensino superior e que modifica a legislação referente ao Imposto de Renda. O projeto foi remetido a três comissões: a de Educação e Cultura, de Finanças e Tributação e de Constituição e Justiça e de Cidadania, não tramitando em regime de urgência, mas já tendo recebido parecer favorável com emendas na primeira delas. O x da questão seria isentar as doações de impostos e a dedução do imposto de renda do doador até o limite de 12%.

O OUTRO LADO

Em países onde a experiência com fundos de doações é mais antiga, há já várias críticas ao sistema. Nos EUA, por exemplo, há quem proponha o contrário do que consta no projeto nº 4643, ou seja, tributar as doações aos fundos patrimoniais, porque entendem que se trata de um expediente para a evasão fiscal. Há outras reclamações acerca desses

A evocação desse tema no seminário já reflete uma tendência crescente entre nossas universidades de instituírem seus próprios fundos para captar doações de pessoas físicas e jurídicas [...]

atividades de pesquisa, a saber: ITA, Escola Politécnica (Poli), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, Instituto Mauá de Tecnologia e a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Há os que creiam que, todavia, o sucesso dessa experiência dependerá de mudanças culturais do mundo empresarial e de leis que dão vantagens fiscais para quem investir em tais fundos. Ou seja, avaliam que por enquanto a classe empresarial brasileira não ache investir em pesquisa muito interessante. Ademais, a tributação existente pode abocanhar bastante dos recursos adicionais que entrarem: por exemplo, o fundo da Poli vem de 2011 e tem a meta de angariar R\$ 25 milhões em doações, mas está sujeito a diferentes tipos diferentes de impostos, como uma empresa qualquer.

fundos para as universidades e instituições de pesquisa, notadamente as de que seus gestores reinvestem o dinheiro no mercado financeiro e seguram demais o dinheiro que está disponível. As vezes que levantam esse tipo de queixa entendem que os doadores transferiram bens ou capitais para serem aplicados direta e exclusivamente à pesquisa científica e não para auferir ganhos especulativos. Ademais, como são investimentos para gerar resultados em pesquisa no futuro, têm de ser usados no presente e não postergados indefinidamente.

Em artigo publicado na revista *ChALLENGE* em 2002, o economista Donald Frey acusou os gestores de fundos de subutilizarem as doações. Segundo ele, as Universidades nos EUA tiveram lucros fantásticos com o reinvestimento no mercado financeiro durante a década de 1990, mas não reverteram tanta prosperidade para suas comunidades acadêmicas. ●

BURRÃO ATRÁS DO ACESSO



O técnico taubateano Bruno Zuchinalli durante treinamento da equipe de futsal

Com direito a goleada por 4 x 0 diante do Cotia na última quarta-feira, 2, o Taubaté ainda tem esperanças de entrar no G8 e garantir vaga na próxima etapa do Campeonato Paulista da Série A3. Faltam duas partidas para o fim da primeira fase e o Burrão precisa vencer o São Carlos no sábado, 5, às 15h, no estádio do Joaquinão, para continuar na briga pela classificação. Atualmente os taubateanos ocupam a 11ª colocação com 22 pontos ganhos.

FUTSAL

Ricardinho Reis, ex-técnico da ADC Ford Futsal/ Taubaté e hoje supervisor do time, e o pivô Fabinho serão homenageados no domingo, 6, pela Federação Paulista de Futsal, como destaques da temporada 2013.

PARATRIATHLON

O taubateano Tiago Santos terá no domingo, 6, uma das competições mais importantes da temporada: 1ª Etapa do Campeonato Brasileiro de Paratriathlon. A prova será realizada em Caraguatatuba, às 8h, na praia do Indaiá.

PARATLETISMO

Os paratletas da Equipe Esporte para Todos, de Taubaté, conquistaram importantes resultados nas últimas competições.

No sábado, 29, a equipe participou do 4º Grand Prix São Paulo de Atletismo para Cegos, em Taubaté. Flávia Cristina Mota conquistou o ouro na categoria arremesso de peso F11 e Silvio Benedito Fernandes garantiu a prata nos 1500m.

No domingo, 30, o grupo participou da 2ª Etapa Valeparaibano de Ciclismo, em Caçapava. José Maurício e Andrea Santos foram campeões nas suas categorias. Na handbike, Elias Touma ficou com o 1º lugar, Julio Leite terminou na 3ª colocação e Eduardo Castilho na 4ª posição. No mesmo dia, os competidores também fizeram bonito na Corrida General Salgado realizada em Taubaté. Na categoria deficiente visual, Edson Prado ficou com o ouro, seguido de Silvio Leite, que terminou com a prata. Na classe deficiente físico, Claudemir Aleixo completou a prova na 1ª colocação, seguido por Tiago Santos, Alexandre Castilho e Fernando Araújo. ●

REINVENTANDO NAZARETH

O pianista, compositor e arranjador Antonio Adolfo, comemorando cinquenta anos de carreira, acaba de lançar *Rio, Choro, Jazz...* (AAM Music), no qual homenageia o grande Ernesto Nazareth (1863-1934).

Para concretizar tal empreitada, Antonio selecionou nove peças do mestre do choro e compôs um tema em sua homenagem. Dez músicas para, mais uma vez, demonstrar o que sempre foi e continua sendo a disposição primeira desse nosso grande pianista: revelar afinidades do samba e do choro brasileiros com o jazz norte-americano, demonstrando a similaridade entre o som que nos caracteriza e o que se faz lá fora. E ele faz isso como ninguém.

Para a gravação, Antonio Adolfo criou os arranjos e selecionou um belo time de instrumentistas: além do seu piano, lá estão a guitarra e o banjo do americano Claudio Spie-

wak, o contrabaixo acústico de Jorge Helder, a flauta e o sax soprano de Marcelo Martins, a bateria de Rafael Barata e a percussão de Marcos Suzano. Carecas de tocar arranjos escritos por Antonio, a moçada, como sempre, deita e rola. Improvisos, solos e duos são ouvidos numa sucessão que empolga quem os ouve tocar.

A primeira faixa é justamente a composição de Antonio que dá título ao disco: "Rio, Choro, Jazz". O piano deixa sua marca e a veia composicional de Antonio Adolfo brota vigorosa.

"Feitiço" inicia a série de composições de Nazareth. Seguido pelo pandeiro, o piano começa suave, com a mão direita tocando a melodia e a esquerda tocando os baixos dos acordes. Surge a flauta. A bateria marca o ritmo para o brilho da guitarra se apresentar. O piano volta. A flauta improvisa. Uma ralentada indica que o final está próximo.

"Brejeiro" tem o piano tocando a melodia, enquanto a percussão o acompanha. Juntos vêm o baixo e a guitarra. A flauta sola a melodia e logo a entrega ao piano. A bateria acentua a marcação nos tambores. A guitarra sola e improvisa, enquanto, na seqüência, o piano e a flauta revezam-se no improviso. A guitarra se junta ao piano na melodia... a flauta improvisa. Fim.

"Fon-Fon". Piano e cuíca iniciam. Este choro é o que mais assume a cara jazzística pretendida por Antonio. O efeito, como de resto resultam todas as nove composições de Nazareth, é esplêndido.

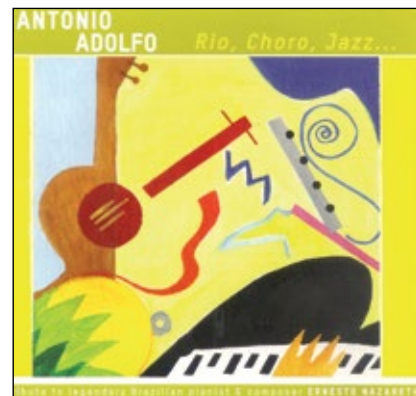
"Tenebroso" começa e termina com uma levada absolutamente diferente daquela pensada por Nazareth. A inventividade de Antonio não tem limite.

O maior exemplo disso é o que ele faz com "Não Caio Nou-

tra". Ao transformar o choro num autêntico ragtime norte-americano, além de demonstrar a universalidade de Ernesto Nazareth, Adolfo cria um clima da mais auspiciosa naturalidade musical sem fronteiras.

O conhecido chorinho "Odeon" fecha a tampa. O piano, em duo com a flauta, toca a melodia. O baixo e a bateria garantem o suingue. O piano improvisa. A bateria trisca levemente no prato. Piano e flauta retomam o duo. O piano segue em frente... Meu Deus!

Antonio Adolfo tocando Ernesto Nazareth tinha tudo para dar certo, e deu. Um cedezaço! ●



divulgação

Programação Taubaté Country



TAUBATÉ COUNTRY CLUB: AMBIENTE E GASTRONOMIA DE QUALIDADE

Seu Fim de Semana começa aqui, no Grill & Restaurante TCC na Sexta-feira às 21h **Back2Back** traz um som diferenciado com grande repertório. No Sábado **Peu Junior** anima todos que gostam de dançar ao som de **MPB**.

O Coelho vem ai e nos esperamos por Você

Mais Informações: (12) 3625-3333 Ramal: 3347
Rita de Cássia Segura



R. Conselheiro Moreira de Barros, 126
Centro - Taubaté - Tel.: (12) 3625-3333

O MELHOR AMIGO DO HOMEM

Pra mim não é o cão e muito menos o *whisky*, como queria o poeta Vinicius de Moraes; o melhor amigo do homem, ao meu ver é o... armário!

Não o armário de roupas, que também nos é quase indispensável e que, bem arrumado levanta significativamente nosso astral; muito menos o armário da piada popular; muito menos ainda aquele de onde as pessoas costumam sair depois de auto conclusões existenciais; estou falando do armário com dois metros de altura, dois gavetões na parte de baixo, três prateleiras internas e duas portas que se abrem uma para cada lado.

Na casa de meu avô na rua Conceição 111, em Ubatuba, havia um desses no fundo do corredor de entrada. Era um armário *com chave* carregada por meu avo no bolso do paletó, guardando para si o direito de acesso ao interior daquele móvel misterioso pintado de verde, em outros tempos pintado de branco, sempre mudan-

do de cor por décadas afora. Minha curiosidade de menino estava sempre tentando um acesso visual, mínimo que fosse, para saber o que havia ali de tão valioso; quais segredos seriam aqueles que inspiravam tanto zelo?

Quando meu avô Jango partiu dessa pra melhor eu já era adulto e já havia começado minha carreira musical. Nos últimos tempos, eu desviava o olhar quando ele se postava diante do seu relicário, em respeito as seus costumes.

Foi um momento significativo em minha vida quando abrimos o armário do meu avô, alguns dias depois que ele morreu. Entre as coisas miúdas que compunham seus pertences, havia recibos, perfumarias, uma triste foto de seu filho Cícero, que morreu menino, aparelhos de barba para reposição, Água Velva, ferramentas pequenas, etc. e uma foto minha tocando violão, pregada na madeira do fundo.

O velho armário ficou com

meu irmão e faz tempo que não sei em que casa ele presta seus serviços, se é que não desmilinguiu pelo caminho

Tempos atrás, passando numa loja de móveis, vi um armário do tamanho daquele do meu avô e não sei porque cargas d'água resolvi comprar. Pensei cá comigo: se seu Jango tinha um e aquilo era tão significativo para o seu dia a dia, por que não experimentar também uma coisa dessas!?

Amigos, que grata surpresa! Minha vida mudou completamente. Minhas pequenas coisas de existir não estão mais espalhadas pela casa; estão todas dentro do meu armário que fica ao lado da minha cama e que, além de me colocar entre os homens da terra que passaram pela deliciosa experiência de possuir um equipamento de tamanha utilidade. Ele me serve também como uma espécie de psicanalista implacável e justo quando minha cabeça fica

meio atrapalhada com as atrapalhadas da vida, se deixa ficar desorganizada e feia, clamando por uma ordem. Ele tem o dom de colocar tudo no lugar.

Entre o meu armário e o armário do meu avô existe agora uma tênue linha do tempo que me une deliciosamente àquele senhor ubatubano, elegante e discreto.

A diferença é que no meu não tem chave; talvez porque eu não use paletó e os bolsos das calças de hoje em dia já não são mais como as de antigamente, onde as chaves soavam soltas como os cincerros no pescoço das cabras.

E também porque tenho netos e sei que eles gostariam de ter acesso aos meus segredos, que não passam de particularidades inocentes do meu dia a dia.

Quem sabe assim eles não tenham que esperar tanto quanto eu esperei para descobrir que um homem sem um armário só seu... não é nada! •

publicarte

A capital da Austrália também foi nossa fonte de inspiração!

Camberra

Além de capital do país, a maior cidade do interior australiano foi projetada pelos arquitetos Walter Burley Griffin e Marion Mahony Griffin e sua construção começou em 1913 e finalizou-se em 1927. O planejamento da cidade foi bastante influenciado pelo movimento *jardim-cidade* e incorporou áreas significativas de vegetação natural, o que lhe rendeu o título de *bush capital*, algo como cidade-arbusto. Assim como Camberra, o Cataguá Way poderá ser considerado um bairro-jardim devido ao seu sofisticado projeto de arborização que contemplou mais de 120 espécies de árvores nativas, sendo 12 tipos de árvores em extinção.

(12) 3631 1490 | www.cataguaway.com.br

(VISITE O PLANTÃO DE VENDAS NO LOCAL)

RODOVIA OSWALDO CRUZ KM03 - TAUBATÉ

Cataguá Way
o bairro do seu jeito

CRECI 64.470

Realização:

GRUPO
GUISARD